

## **MUSEU DO DOCE: AS AÇÕES DE MEDIAÇÃO**

**CAROLINE DIAS DE OLIVEIRA<sup>1</sup>; JOSSANA PEIL COELHO<sup>2</sup>; ROCHELE VALENTE MOURA<sup>3</sup>; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL<sup>4</sup>**

*<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas- carol.oliveira.dias@hotmail.com*

*<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – jopeil@ig.com.br*

*<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – rochele.v.moura@gmail.com*

*<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – norismara@hotmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O Museu do Doce está sediado no Casarão 8 da Praça Coronel Pedro Osório da cidade de Pelotas / RS – Centro Histórico –, o qual faz parte de um conjunto arquitetônico tombado, em 1977, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN), juntamente com os casarões de número 2 e 6. O de número 8 é considerado de extrema importância no Brasil pela complexidade de suas características arquitetônicas - a moradia foi construída com uma técnica muito apurada e requintada, destaca-se o forro em gesso italiano feito à mão livre, com espátula, e a riqueza de elementos arquitetônicos da fachada com ornatos em estuque, balaústres e estátuas em faiança. Além de um rico tapete em ladrilhos hidráulicos localizado no Hall de entrada da casa e as paredes da cozinha forradas de azulejos franceses e portugueses.

O Casarão foi projetado e construído pelo arquiteto italiano José Izella Merotti, em 1878, para servir de residência da família do Conselheiro Francisco Antunes Maciel (segundo Barão de Cacequi e Conselheiro do Império), o que ocorreu até a década de 1950, após serviu como sede do Quartel General da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas até 1973. Depois deste período foi ocupado por diversos órgãos públicos, até ser comprada pela Universidade Federal de Pelotas em 2006. Por meio de intervenção do IPHAN foi determinado que este local teria de abrigar o Museu do Doce, com o intuito de responder ao anseio da comunidade doceira da cidade. A edificação passou por rigoroso restauro de 2009 até o início de 2013, custeado por verbas do Ministério da Educação.

A ideia de Pelotas como um polo de produção de doces encontra explicações históricas, desde sua origem, os doces finos estavam associados a cultura familiar de determinada classe social, a elite local dos finais do séc. XIX e início do séc. XX. Na dinâmica de transformação cultural, no processo de reelaboração de sentido, este bem assume o significado de doce de Pelotas, e os doces coloniais ou doce de frutas, agregam a dimensão étnica a esta discussão, considerando a contribuição das etnias italiana, francesa e pomerana na área rural do município. Com isso, podemos afirmar que o objeto do museu permite discutir amplas dimensões da cidade, a circularidade de saberes entre diferentes classes sociais e a consequente transformação no modo de fazer; a contribuição da etnia negra, além de outros grupos étnicos, para a dinâmica da tradição doceira em Pelotas. Assim, questões de gênero, de classes e de etnia permitem uma análise ampla da cidade.

A proposta de um Museu do Doce pelotense justifica-se, portanto pelo papel social, cultural e econômico que cumpre e caracteriza essa tradição da cidade.

Em fase de organização o Museu entendeu-se que deveria ser desenvolvido atividades educativas e comunitárias no sentido de reforçar a identidade da população de Pelotas e região, bem como promover a democratização e o acesso ao bem cultural, primeiro, preservado e mantido pelo Museu do Doce que é a sua sede.

Cumprindo o compromisso social de divulgar todas as informações, facilitando o contato com a comunidade, a partir da disseminação do conhecimento. Entendendo que para além da acessibilidade do espaço, precisamos pensar nos componentes determinantes, que concernem aspectos intelectuais e emocionais, acessibilidade da informação e do patrimônio, acredita-se que é indispensável criar condições para compreender e usufruir o bem cultural.

## **2. METODOLOGIA**

Com o intuito de promover o acesso ao bem cultural ocorreu a iniciativa de abrir a casa para visitação pública em datas específicas atendendo ao calendário cultural da cidade.

Pois como diz Santos (2001) as ações museológicas não são processadas somente a partir dos objetos, das coleções, mas tendo como referencial o patrimônio global na dinâmica da vida.

Essas visitas foram monitoradas por acadêmicos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauro, os quais participaram de um curso de formação ministrado por mestrandos, professores e técnicos administrativos da universidade que possuíam domínio sobre os diferentes temas relacionados a casa. O curso foi montado de forma a qualificar os alunos com informações referentes a história da edificação, da família Antunes Maciel, técnicas arquitetônicas e instruções sobre a implantação do futuro Museu.

A mediação no casarão 8 tem o intuito de divulgar primeiramente o Museu do Doce, e, também, possibilitar com que a população conheça e se aproprie deste importante patrimônio arquitetônico, valorizando este bem histórico e cultural tendo a possibilidade de conhecer o importante trabalho de restauro. Segundo Santos (2001) a conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos. Esforços são concentrados na busca da sensibilização e na formação de conservadores, na própria população, a partir de suas aptidões e atitudes.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Essas monitorias foram o ponto de partida no sentido de estabelecer uma interação com a comunidade. Fazendo assim com que o público conheça e passe a ter informações sobre o futuro Museu, mas também democratizar o conhecimento referente as técnicas arquitetônicas e costumes do século XIX e início XX, além das técnicas de restauro e conservação empregadas na casa.

Conforme Santos (2001) mais do que tornar-se conhecido e divulgado, o museu necessita ser vivido, compreendido como um local onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada, estimulando e apoiando, inclusive, a apropriação de outros bens.

Para Horta (1999) a valorização do patrimônio cultural depende, necessariamente do seu conhecimento. E sua preservação, do orgulho que possuímos de nossa própria identidade.

No que diz Horta (1999) o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

#### **4. CONCLUSÃO**

Tendo em vista que esta ação foi inovadora na cidade de Pelotas, o seu primeiro final de semana de atividade obteve um número significativo de visitantes, e em outros finais de semana chegou a receber mais de mil visitantes em um período de quatro horas.

Por meio da aceitação do público esta atividade se propagou para demais dias e incentivou ações semelhantes na cidade. O que mostra que a população carece de atividades culturais que possibilitem conhecer e se apropriar de seu patrimônio cultural edificado

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

SANTOS, Maria Célia T. Moura Santos. **Museu e Educação: Conceitos e métodos**. In. Palestra proferido na abertura do Simpósio Internacional "Museu e Educação; conceito e métodos" 2001, São Paulo.

Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional. <http://portal.iphan.gov.br>. Acessado em: 9 de outubro de 2013 FERREIRA, Maria Leticia M.; CERQUEIRA, Fabio V.; RIETH, Flavia. O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação. **Metis** (UCS), v.7, p.65- 85, 2008.